

Quarto Domingo da Quaresma (B) – Itaporanga e Itararé 18.03.2012

Leituras: 2 Crônicas 36,14-16.19-23; Efésios 2,4-10; João 3,14-21

“Deus amou tanto o mundo!”, disse Jesus a Nicodemos.

Mas o quanto ele nos tem amado? Qual é a medida do amor de Deus?

As leituras dessa Missa nos propõe uma resposta unanime: Deus Pai nos amou até ao ponto de dar-nos o seu Filho Jesus Cristo. É em Jesus dado por nós, oferecido por nós até a morte na Cruz que constatamos o quanto Deus nos ama.

E o dom do Filho crucificado é um dom que nos salva, que nos redime do pecado e da morte. Por isso é um dom que nos revela a característica fundamental do amor de Deus por nós: a misericórdia. “Deus rico em misericórdia, pelo grande amor com que nos amou, quando ainda estávamos mortos pelos nossos pecados, nos fez reviver em Cristo: pela graça fomos salvos” (Ef 2,4-5). “Pois Deus não enviou o seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele”. (Jo 3,17)

Deus é “rico em misericórdia”. O que quer dizer ser rico em misericórdia? São Paulo acrescenta que Deus desejou mostrar “a extraordinária riqueza de sua graça” (Ef 2,7). Rico em misericórdia, rico em graça. Que riqueza é essa?

A misericórdia é uma perda, uma renuncia a algo que nos é próprio, uma remissão dos débitos de outro que esteja em nosso confronto. A misericórdia empobrece, não nos torna ricos. E a graça é um dom gratuito, que não se faz necessário pagá-la, dessa forma, ela é uma perda, um esvaziamento daquilo que se tem. Entretanto, isso para nós é um paradoxo, é uma contradição, associar a ideia de riqueza com a misericórdia, a graça, o perdão, a remissão dos débitos. Como uma pessoa pode ser rica daquilo que dá, daquilo que se perde?

No dom de seu Filho, Deus nos revela que existe uma riqueza que não se pode medir, porque é uma riqueza do próprio *ser* e não do *ter*. Deus não é rico no sentido do *ter*, mas no sentido do existir, do *ser*. E Deus é amor, Deus é misericórdia, Deus é graça, e essa riqueza é a única que, conforme se doa, ela aumenta, que perdendo-se, ela pode ser encontrada, que esvaziando-se de si mesma ela sempre se plenifica cada vez mais.

Deus é Trindade e, ao nos doar o seu Filho, o Pai nos torna participantes de sua infinita riqueza que é o amor do Espírito Santo, o Amor entre o Pai e o Filho, a sua Comunhão, a sua Unidade. É essa a diferença da riqueza, paradoxal, que Jesus nos revela quando Ele se doa por nós, transmitindo-nos a misericórdia do Pai e a graça do Espírito.

Como disse São Paulo, sim, essa riqueza é verdadeiramente “extraordinária” (Ef 2,7), está fora do ordinário, é uma riqueza na qual não tem nada em comum com a riqueza e o poder do mundo, com aquilo que possuímos ou que desejamos. A riqueza de misericórdia e de graça, a riqueza de Deus está em uma outra dimensão em relação aos nossos critérios e valores. É uma riqueza de amor, de doação. Uma riqueza que se exprime na pobreza, em não haver outra coisa a dar a não ser doar-se a si mesmo, aquilo que se é.

Mas nós somos pobres e miseráveis. Não somos nada. E o que poderemos oferecer de nosso “ser”, se nada somos?

É por isso que Deus nos salva em Cristo e nos oferece o dom do Espírito: nos salva da inconsistência de nosso ser, da inconsistência de nosso amor, oferecendo-nos a possibilidade de participarmos do seu Ser, de seu Amor. Salvando-nos em Cristo, Deus nos torna participantes da sua riqueza de graça, de misericórdia e de amor. Por Cristo, com Cristo e em Cristo, tornamo-nos ricos em misericórdia, extraordinariamente ricos em graça. Deus nos ama para que também possamos amar, nos perdoa, para que também possamos perdoar, doa-nos a Si mesmo, para que também Nele, possamos doar toda a nossa vida: “Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”. (Jo 3,16)

É a fé em Cristo crucificado e ressuscitado que nos torna ricos de vida eterna, que é vida de Deus, o seu amor, a sua misericórdia.

Existe um modo de nos doarmos a nós mesmos que corresponde a esta graça e possibilita sermos ricos da misericórdia de Deus: é o dom da oração oferecida uns pelos outros, da oração gratuita, através da qual rezamos também pelos nossos inimigos, que rezamos também por aqueles que não nos amam e por aqueles que nós também não os amamos.

Adrienne von Speyr, uma mística suíça, escrevia: “O amor doa; é a sua natureza. E porque o amor doa, não compartilha qualquer coisa de estranho, mas aquilo que lhe é próprio. E quanto maior é o amor, mais íntimo e pessoal se torna o dom, para que ao final, aquilo que é mais pessoal e íntimo torne-se um dom que, sendo verdadeiramente doado, passa ao “outro”, e assim, torna-se realmente propriedade do “outro” na sua mais profunda intimidade. Assim, uma pessoa pode dar ao seu próximo aquilo que há de mais profundo: a sua oração. E aquilo que a pessoa doa, torna-se assim tão profundo, que não pode mostra-lo: o dá diretamente de sua oculta intimidade à interioridade do outro.”

(*As cartas católicas*, Carta de São Tiago 2, 22)

A oração é a caridade mais profunda que sempre podemos exercitá-la uns para com os outros. É um tesouro inesgotável. De fato, a oração é o relacionamento com o outro que passa através da imensa riqueza da misericórdia do Pai. Como a oração de Jesus, durante toda a sua vida, até a sua morte na Cruz: “Pai, perdoai-lhes!” (Lc 23,34).

Assim, a oração torna-se em nosso coração o cofre da extraordinária riqueza de Deus que se doa a Si mesmo, um cofre aberto, como uma fonte d’água viva que jorra para a vida eterna e a salvação do mundo em Cristo.

Ir. Mauro-Giuseppe Lepori
Abade Geral OCist